



Artigo Periódico publicado em: Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana - EBPF

Estudos de Psicanálise | Limeira-SP | N. 41 | p. 26 | Abril/2026

RESUMO: O presente artigo propõe uma análise da experiência subjetiva de ruptura com o laço social, tomando como eixo interpretativo a metáfora do “pinguim que se descola do bando”. O objetivo consiste em investigar, à luz da psicanálise e da psicologia analítica, os determinantes psíquicos envolvidos nesse movimento, compreendido não como ato voluntário de autonomia, mas como efeito de uma reorganização estrutural da economia psíquica. Fundamentado nas contribuições de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Melanie Klein, Donald Winnicott, Wilfred Bion e Carl Gustav Jung, o estudo articula diferentes modelos teóricos para compreender a complexidade desse fenômeno. A partir de Freud, o pertencimento ao grupo é analisado como efeito de identificações e reorganizações libidinais, implicando renúncias pulsionais e certa alienação. Em Lacan, a ruptura é situada no campo da separação, como efeito da falha do Outro e da emergência da falta. A perspectiva kleiniana permite compreender o processo como reorganização interna marcada pela ambivalência e pela elaboração da perda, enquanto Winnicott evidencia o colapso do falso *Self* como condição para a emergência de uma existência mais autêntica. Bion contribui ao interpretar o esgotamento como falha na função alfa, destacando a impossibilidade de simbolização de experiências emocionais excessivas. Por fim, Jung situa esse movimento no horizonte da individuação, como chamado à diferenciação em relação às identificações coletivas e à integração do *Self*. A articulação com a neurociência afetiva amplia a compreensão do fenômeno ao evidenciar a participação de processos de regulação emocional, memória implícita e plasticidade neural na reorganização subjetiva. Conclui-se que o afastamento do laço coletivo não deve ser compreendido como fracasso ou ideal de autonomia, mas como um ponto crítico da constituição psíquica, no qual o sujeito se vê confrontado com o limite da alienação e com a possibilidade, sempre incerta, de reinscrever seu desejo de forma mais singular.

Palavras-Chave: Laço Social; Alienação; Desejo; Individuação; Psicanálise; Neurociência Afetiva

Aprovado pelo comitê de ensino-pesquisa em: 30 de março de 2026

DO BANDO AO DESEJO: Uma Leitura Psicanalítica e Analítica do Movimento de Ruptura Subjetiva

Esp. Andreia Daluia
Publicado em: EBPF
08 de abril de 2026



INTRODUÇÃO

A imagem do pinguim que decide não acompanhar o bando, deslocando-se em direção oposta à massa, oferece uma via privilegiada para pensar o sujeito em sua relação com o laço social, com o Outro e com o próprio desejo. Longe de se reduzir a uma narrativa de autonomia ou liberdade individual, esse movimento convoca uma leitura mais rigorosa: trata-se de interrogar o que, no interior da economia psíquica, torna insustentável a permanência em uma determinada posição subjetiva.

Desde Freud, a constituição do sujeito é indissociável da alteridade. Não há sujeito fora do campo do Outro, pois é na trama das primeiras relações, marcadas pelo desamparo originário, que se inscrevem as coordenadas fundamentais da vida psíquica. Em *Projeto para uma psicologia científica* (1895), Freud assinala que o desamparo do bebê humano exige a intervenção de um outro que responda às suas necessidades, inaugurando, assim, um campo de dependência estrutural que será a base de todas as relações posteriores. Nesse sentido, o laço social não é um acréscimo secundário, mas condição mesma da subjetivação.

Entretanto, essa mesma dependência que funda o sujeito também pode tornar-se fonte de conflito. Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud explicita que a vida em sociedade exige renúncias pulsionais significativas, instaurando uma tensão permanente entre os imperativos da cultura e as exigências do desejo. Como afirma o autor:

“A vida em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que se mantém unida contra todos os indivíduos isolados” (FREUD, 1930).

Essa formulação permite compreender que o pertencimento ao “bando” implica, necessariamente, um certo grau de alienação. O sujeito, para ser reconhecido, deve submeter-se às normas, ideais e identificações que estruturam o grupo. Contudo, tal submissão nunca é completa, pois algo do desejo permanece irreduzível à normatividade social.

É precisamente nesse ponto que a metáfora do pinguim adquire densidade clínica. O movimento de afastamento não se apresenta como um gesto voluntarista, mas como efeito de uma saturação subjetiva. A permanência no laço, tal como organizado, torna-se insustentável. O que está em jogo não é apenas uma escolha



consciente, mas uma ruptura que emerge quando as identificações que sustentavam o sujeito deixam de operar de modo eficaz.

Lacan radicaliza essa questão ao afirmar que o sujeito é, estruturalmente, um efeito da linguagem e, portanto, constituído no campo do Outro. No entanto, esse mesmo campo que o constitui é também aquele no qual ele se aliena. A famosa fórmula lacaniana segundo a qual “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1964) indica que o sujeito está preso a significantes que o precedem. O afastamento do bando, nesse sentido, pode ser lido como um momento de ruptura na cadeia identificatória, no qual o sujeito se vê confrontado com a falta no Outro e, conseqüentemente, com a própria falta que o constitui.

Essa ruptura, contudo, não é isenta de sofrimento. Ao contrário, ela frequentemente se apresenta sob a forma de angústia. Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud destaca que a angústia emerge diante de situações em que o sujeito se vê ameaçado por uma perda ou por um excesso que não pode simbolizar. O afastamento do coletivo pode, assim, ser acompanhado por um sentimento de desamparo renovado, como se o sujeito retornasse, em alguma medida, à sua condição originária.

A psicologia analítica de Carl Gustav Jung oferece uma ampliação significativa dessa problemática ao introduzir o conceito de individuação. Para Jung, o desenvolvimento psíquico não se esgota na adaptação social, mas implica um movimento de diferenciação em relação às identificações coletivas. Em *O Eu e o Inconsciente* (1928), o autor afirma:

“A individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entendemos a nossa singularidade mais íntima, última e incomparável” (JUNG, 1928).

Sob essa perspectiva, o afastamento do bando pode ser compreendido como momento crucial no processo de individuação. Não se trata de negar o coletivo, mas de estabelecer uma relação menos alienada com ele. O sujeito que se desloca não abandona necessariamente o laço social, mas busca uma posição que lhe permita sustentar algo de sua singularidade.

Entretanto, é fundamental evitar uma leitura idealizada desse processo. Jung adverte que a individuação não é sinônimo de adaptação harmoniosa, mas



frequentemente envolve conflito, sofrimento e desorganização psíquica. O encontro com conteúdo inconscientes, muitas vezes de natureza arquetípica, pode desestabilizar as estruturas previamente estabelecidas, exigindo um trabalho psíquico intenso para sua integração.

Do ponto de vista das neurociências, é possível articular essa discussão com os estudos sobre regulação emocional e plasticidade neural. Autores como Schore (1994) e Siegel (2012) demonstram que as experiências relacionais precoces moldam os circuitos neurais responsáveis pela regulação afetiva. Quando o sujeito se afasta de um contexto relacional significativo, há uma reorganização não apenas psíquica, mas também neurobiológica. Esse processo pode implicar aumento de estados de estresse e ativação de sistemas relacionados à ameaça, especialmente quando o afastamento não é acompanhado por novas formas de vínculo suficientemente estáveis.

Nesse sentido, o movimento do pinguim pode ser lido como uma metáfora de reorganização psíquica e neurofuncional. A ruptura com o grupo não é apenas simbólica, mas também corporal, afetiva e relacional. O sujeito, ao deslocar-se, precisa reconstruir suas referências, reconfigurar suas identificações e encontrar novas formas de inscrição no laço social.

Melanie Klein contribui para essa discussão ao enfatizar a importância das posições esquizoparanóide e depressiva no desenvolvimento psíquico. O afastamento do bando pode, em certos casos, reativar ansiedades primitivas, especialmente aquelas relacionadas à perda do objeto e à fragmentação do Eu. Em *Amor, culpa e reparação* (1937), Klein destaca que a capacidade de tolerar a ambivalência e elaborar perdas é fundamental para o desenvolvimento emocional. Assim, o sujeito que se desloca precisa lidar com a ambivalência inerente à separação: ao mesmo tempo em que se afasta, também perde algo do que o sustentava.

Dessa forma, o gesto de caminhar na direção oposta à massa revela-se como um fenômeno complexo, que articula dimensões intrapsíquicas, intersubjetivas e socioculturais. Não se trata de um simples ato de coragem ou rebeldia, mas de um momento crítico na trajetória subjetiva, no qual o sujeito se vê confrontado com os limites da alienação e com a possibilidade, sempre incerta, de sustentar o próprio desejo.

Ao final, a imagem do pinguim que se descola do bando não deve ser lida como exaltação da individualidade, mas como metáfora de um ponto de inflexão na economia



psíquica. É nesse ponto que o sujeito, atravessado pela falta, pela angústia e pelo desejo, pode, ainda que de forma precária, ensaiar uma posição menos determinada pelas exigências do Outro e mais comprometida com a singularidade de sua experiência

1. Freud: Identificação, Massa e o Preço do Pertencimento

Freud, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), estabelece um marco fundamental para a compreensão do sujeito em sua relação com o coletivo ao demonstrar que o pertencimento ao grupo não é apenas um fenômeno social, mas, sobretudo, um processo psíquico sustentado por identificações. O grupo, longe de ser uma simples agregação de indivíduos, constitui-se como uma organização libidinal na qual cada sujeito se vincula aos demais por meio de laços identificatórios mediados por um ideal comum.

Nesse contexto, a identificação opera como mecanismo estruturante, permitindo ao sujeito integrar-se ao coletivo ao custo de uma reorganização de sua economia psíquica. Freud evidencia que, ao ingressar na massa, o indivíduo desloca seu eixo identificatório, subordinando seu Ideal do Eu ao ideal compartilhado pelo grupo. Trata-se de uma operação que garante coesão, mas que implica uma renúncia significativa da singularidade. Como afirma o autor:

“A massa é, portanto, mantida unida por uma força de natureza libidinal. [...] O indivíduo, ao ingressar na massa, coloca o objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identifica-se com os outros indivíduos que fizeram o mesmo. Dessa forma, cada indivíduo se comporta como se fosse igual aos outros, como se estivesse sob uma influência comum.” (FREUD, 1921)

Essa passagem permite compreender que o pertencimento ao grupo não se reduz a uma escolha consciente, mas constitui uma reorganização profunda da posição subjetiva. O sujeito, ao compartilhar um mesmo ideal, encontra no grupo uma forma de estabilização psíquica. O bando, nesse sentido, oferece: 1) pertencimento, ao inscrever o sujeito em uma rede simbólica compartilhada; 2) reconhecimento, ao validar sua posição a partir do olhar do Outro coletivo, 3) redução da angústia, ao fornecer referências que organizam a experiência.

No entanto, essa operação não se realiza sem custo. A inserção na massa exige que o sujeito renuncie, ainda que parcialmente, à sua singularidade, subordinando-se



às exigências do ideal coletivo. Tal renúncia não é apenas social, mas profundamente psíquica, pois implica a suspensão de aspectos do desejo que não encontram lugar no campo do Outro.

Freud também destaca que, no interior da massa, ocorre uma atenuação das diferenças individuais e uma tendência à homogeneização, o que reforça a estabilidade grupal, mas fragiliza a autonomia subjetiva.

“O indivíduo na massa experimenta uma modificação profunda de sua atividade psíquica. Sua afetividade é extraordinariamente intensificada, sua capacidade intelectual é notavelmente reduzida, e ambos os processos são evidentemente dirigidos no sentido de uma conformidade com os outros indivíduos da massa.” (FREUD, 1921)

Essa modificação revela que o pertencimento ao grupo implica não apenas identificação, mas também uma certa suspensão da crítica e da singularidade, em favor da manutenção do laço coletivo.

É precisamente nesse ponto que a metáfora do pinguim que se descola do bando adquire relevância clínica. O movimento de afastamento não deve ser compreendido como simples ato de rebeldia ou autonomia, mas como efeito de uma falha nessa economia libidinal.

Quando o sujeito já não consegue mais sustentar a renúncia exigida pelo grupo, algo da ordem do impossível se impõe. O que antes era suportável, a submissão ao ideal coletivo, torna-se insustentável.

O afastamento encena, portanto, a falência dessa organização psíquica: 1) o ideal do grupo perde consistência, 2) a identificação deixa de operar como sustentação, 3) a renúncia já não pode mais ser mantida.

Nesse sentido, o pinguim que se descola não representa apenas uma exceção ao comportamento do grupo, mas a irrupção de um limite estrutural: o ponto em que o sujeito já não pode mais ceder de si mesmo sem comprometer sua própria consistência psíquica.

Trata-se de um momento crítico em que a economia do pertencimento entra em colapso, abrindo espaço, ainda que de forma angustiante, para a possibilidade de uma reorganização subjetiva que não esteja inteiramente subordinada ao ideal do Outro.



2. Lacan: Alienação, Separação e o Encontro com o Desejo

Lacan, ao retomar e radicalizar a teoria freudiana, formaliza a constituição do sujeito a partir de duas operações estruturais fundamentais: alienação e separação. Tais operações não são momentos cronológicos, mas dimensões lógicas que organizam a entrada do sujeito na linguagem e, conseqüentemente, no campo do Outro.

A alienação constitui o primeiro tempo dessa operação. Nela, o sujeito advém a partir de sua inscrição no campo do Outro, sendo determinado pelos significantes que o precedem. Antes mesmo de nascer, o sujeito já está capturado por uma rede simbólica composta por expectativas, discursos, nomes e ideais que o situam no laço social.

Nesse sentido, o sujeito não é originário, mas efeito da linguagem. Como afirma Lacan:

“O sujeito surge no campo do Outro, mas surge como representado por um significante para outro significante. [...] Ele só advém na medida em que se submete ao significante, isto é, na medida em que consente em se alienar no campo do Outro.” (LACAN, 1964)

Essa formulação indica que a alienação não é uma contingência, mas uma condição estrutural da existência psíquica. Para existir como sujeito, é necessário consentir em ser representado pelos significantes do Outro, ainda que isso implique uma perda fundamental.

Seguir o bando, nesse contexto, não deve ser compreendido como mera adaptação social, mas como efeito dessa operação estrutural. O sujeito encontra no grupo uma forma de sustentação simbólica que lhe oferece: 1) um lugar no discurso, 2) uma identidade reconhecível, 3) uma referência para o desejo.

Entretanto, essa inscrição tem um custo. Ao se alienar no Outro, o sujeito se vê dividido, pois aquilo que o representa nunca coincide plenamente com aquilo que ele é. Há sempre um resto, um ponto de não coincidência que escapa à captura significativa. É justamente nesse ponto que se abre a possibilidade da separação.

A separação não é um rompimento voluntário com o Outro, mas uma operação que emerge quando o sujeito se confronta com a falta no Outro. Aquilo que antes aparecia como consistente, o ideal, o grupo, o discurso, revela-se incompleto, falho, incapaz de garantir plenamente o sentido. Esse encontro com a falta produz um efeito de desestabilização.



O sujeito percebe, ainda que de forma não totalmente simbolizada, que o Outro não detém o saber absoluto nem oferece garantias totais. É nesse momento que algo da alienação se rompe.

A metáfora do pinguim que se afasta do bando permite ilustrar esse ponto com precisão clínica. O afastamento não representa uma conquista imediata de liberdade ou autonomia, mas a irrupção de uma falha na sustentação alienante. Trata-se de um momento em que: 1) o significante já não organiza plenamente a experiência, 2) o ideal coletivo perde consistência, 3) a posição subjetiva anteriormente ocupada torna-se insustentável.

Esse movimento não é, portanto, um ato deliberado, mas um efeito estrutural: o sujeito já não consegue mais se sustentar na posição que lhe era oferecida pelo Outro. Contudo, essa ruptura não ocorre sem consequências psíquicas importantes.

A separação é acompanhada pela emergência da angústia, que Lacan define como o afeto que não engana. A angústia surge precisamente quando o sujeito se vê diante da falta de garantias, quando o suporte simbólico que organizava sua existência vacila.

“A angústia não é sem objeto. Ela surge quando algo do objeto se apresenta no lugar da falta que sustentava o desejo.”
(LACAN, 1962/1963)

Nesse contexto, a saída do bando confronta o sujeito com o desamparo estrutural. O que antes era sustentado pela homogeneidade do grupo passa a ser atravessado pela incerteza, pela indeterminação e pela necessidade de construção de uma posição própria.

Paradoxalmente, é nesse ponto de ruptura que se abre a possibilidade do desejo. Se, na alienação, o sujeito responde ao desejo do Outro, na separação emerge a possibilidade de interrogar esse desejo e, eventualmente, de produzir uma enunciação própria.



O pinguim que se afasta não encarna, portanto, uma liberdade plena, mas um momento de passagem: 1) da consistência imaginária do grupo, 2) para a confrontação com a falta, 3) e, a partir daí, para a possibilidade de constituição do desejo.

Trata-se de uma travessia marcada por instabilidade, angústia e incerteza, mas que, ao mesmo tempo, inaugura a possibilidade de uma existência menos subordinada às determinações do Outro.

Assim, o movimento de afastamento não deve ser romantizado como emancipação, nem patologizado como desvio. Ele deve ser compreendido como um ponto lógico da estrutura: o momento em que a alienação se revela insuficiente e o sujeito é convocado, ainda que de forma precária, a sustentar algo de si.

3. Klein: Angústia, Posições Psíquicas e Reorganização Interna

Para Melanie Klein, o psiquismo não se organiza em estágios lineares de desenvolvimento, mas em torno de posições psíquicas fundamentais, que configuram modos específicos de relação com o objeto, com o mundo interno e com a própria experiência emocional. As posições esquizoparanóide¹ e depressiva não são fases cronológicas superadas, mas formas de funcionamento que podem ser reativadas ao longo da vida diante de situações de tensão psíquica.

Nesse sentido, o afastamento do grupo, figurado pela imagem do pinguim que se descola do bando, pode ser compreendido como um momento de reorganização psíquica profunda, no qual o sujeito é confrontado com conteúdo internos que até então estavam parcialmente mantidos sob controle pela sustentação externa oferecida pelo coletivo.

¹ **Posição esquizoparanóide:** conceito formulado por Melanie Klein para descrever uma organização psíquica primitiva, predominante nos primeiros meses de vida, caracterizada pelo predomínio de angústias persecutórias, mecanismos de cisão (*splitting*) e uso intensivo de identificação projetiva. Nessa posição, o objeto é percebido de forma fragmentada, sendo dividido em “bom” e “mau”, conforme a qualidade das experiências de satisfação ou frustração. O Ego, ainda pouco integrado, utiliza defesas primitivas para lidar com a ansiedade, projetando no exterior aspectos indesejáveis de si mesmo. Embora constitua uma etapa do desenvolvimento, essa posição permanece como modalidade de funcionamento psíquico ao longo da vida, podendo ser reativada em situações de regressão, como ocorre frequentemente na transferência (KLEIN, 1946).



Enquanto a permanência no grupo pode funcionar como elemento organizador e estabilizador, sua perda ou ruptura reativa angústias mais primitivas, exigindo do sujeito um trabalho interno de elaboração.

A posição esquizoparanóide, caracterizada pela cisão², pela projeção e pela predominância de angústias persecutórias, tende a operar como defesa diante de experiências de desorganização. No entanto, é na posição depressiva³ que o sujeito se vê convocado a um trabalho psíquico mais complexo e integrador.

Na posição depressiva, o sujeito confronta simultaneamente: 1) a perda do objeto idealizado, 2) a ambivalência em relação ao objeto (amor e ódio coexistentes), 3) a responsabilidade psíquica por seus próprios impulsos destrutivos.

Como afirma Klein:

“Na posição depressiva, o bebê reconhece o objeto total e, com isso, experimenta sentimento de perda e culpa, pois percebe que o mesmo objeto que ama é também aquele que atacou em sua fantasia. Esse reconhecimento implica uma profunda reorganização emocional e o início da capacidade de reparação.” (KLEIN, 1940)

Essa formulação permite compreender que o movimento de afastamento não se limita a uma ruptura externa, mas envolve uma transformação na relação com os objetos internos. O sujeito deixa de se apoiar em objetos idealizados e homogêneos, frequentemente sustentados pela lógica grupal, e passa a confrontar a complexidade, a ambivalência e a imperfeição desses objetos.

² **Cisão:** mecanismo de defesa primitivo descrito por Melanie Klein, caracterizado pela divisão do objeto (e do próprio Eu) em partes “boas” e “más”, com o objetivo de reduzir a angústia decorrente da ambivalência. Na posição esquizoparanóide, a cisão permite ao sujeito preservar o objeto idealizado de satisfação, ao mesmo tempo em que projeta aspectos persecutórios para fora. Trata-se de um processo fundamental nas fases iniciais do desenvolvimento psíquico, mas que pode persistir na vida adulta, especialmente em estados regressivos, manifestando-se em relações marcadas por idealização extrema, desvalorização súbita e dificuldade de integração de aspectos contraditórios do outro e de si mesmo (KLEIN, 1946; KERNBERG, 1975).

³ **Posição depressiva:** conceito desenvolvido por Melanie Klein para designar uma organização psíquica mais integrada do desenvolvimento emocional, que sucede à posição esquizoparanóide. Nessa posição, o sujeito passa a perceber o objeto como total, reconhecendo que o mesmo objeto amado é também aquele que pode ser alvo de impulsos destrutivos. Tal integração dá origem a angústias depressivas, marcadas pelo medo de ter danificado ou perdido o objeto amado, bem como ao surgimento de sentimento de culpa e ao impulso à reparação. A posição depressiva representa um avanço na capacidade de simbolização, de tolerância à ambivalência e de estabelecimento de vínculos mais estáveis, embora permaneça como modalidade de funcionamento psíquico ao longo da vida, podendo ser reativada em situações clínicas e transferenciais (KLEIN, 1935).



O grupo, nesse contexto, pode funcionar como sustentação de uma organização mais próxima da cisão, na medida em que tende a oferecer identificações estáveis, ideais compartilhados e uma certa homogeneização da experiência. A saída desse campo implica a perda dessa sustentação, expondo o sujeito a uma maior complexidade psíquica.

O afastamento do bando pode, portanto, ser compreendido como um momento em que: 1) as defesas baseadas na idealização se fragilizam, 2) a ambivalência se torna mais evidente, 3) o sujeito é convocado a integrar aspectos contraditórios de sua experiência.

Esse processo não ocorre sem sofrimento. A posição depressiva é atravessada por angústias específicas, relacionadas à perda do objeto ideal e ao reconhecimento da própria participação nos ataques dirigidos a esse objeto.

Trata-se de uma angústia qualitativamente distinta daquela da posição esquizoparanóide: menos persecutória e mais ligada à perda, à culpa e à necessidade de reparação.

Nesse sentido, o pinguim que se afasta não apenas abandona o grupo externo, mas também se confronta com suas próprias configurações internas. Ele deixa de sustentar uma relação simplificada com o objeto e passa a habitar um campo psíquico mais complexo, no qual o objeto é percebido como total, ambivalente e não totalmente controlável.

Esse movimento implica uma reorganização interna que exige: 1) elaboração da perda, 2) tolerância à ambivalência, 3) capacidade de sustentar a incerteza, 4) possibilidade de reparação psíquica.

A saída do grupo, portanto, pode ser compreendida como um ponto de passagem em direção a uma maior integração psíquica, ainda que esse processo seja marcado por sofrimento e instabilidade.

Longe de representar apenas um afastamento comportamental, trata-se de uma operação psíquica que coloca o sujeito diante da tarefa de reconstruir suas relações internas, sem o amparo das idealizações coletivas que anteriormente sustentavam sua organização.



Assim, o movimento do pinguim encena, em termos kleinianos, não apenas uma ruptura com o exterior, mas uma travessia interna: o deslocamento de uma relação parcial e idealizada com o objeto para uma relação mais complexa, integrada e, portanto, mais próxima da realidade psíquica.

4. Winnicott: Falso *Self*, Verdadeiro *Self* e o Colapso como Possibilidade

A contribuição de Donald W. Winnicott é decisiva para a compreensão dos modos de adaptação do sujeito ao ambiente e das consequências psíquicas dessa adaptação quando ela ocorre de forma excessiva. Ao introduzir os conceitos de verdadeiro *Self* e falso *Self*, Winnicott desloca o foco da patologia para a qualidade da relação entre o sujeito e o ambiente, evidenciando que o desenvolvimento psíquico depende fundamentalmente das condições oferecidas pelo meio.

O verdadeiro *Self* refere-se à dimensão mais espontânea, criativa e autêntica do sujeito, associada à continuidade de ser e à possibilidade de existência subjetiva não alienada. Já o falso *Self* emerge como uma organização defensiva que se constitui quando o ambiente falha em reconhecer e sustentar essa espontaneidade, exigindo do sujeito uma adaptação precoce e contínua às demandas externas.

Nessas condições, o sujeito aprende a responder ao ambiente não a partir de sua experiência interna, mas a partir daquilo que é esperado dele. Forma-se, assim, uma estrutura psíquica orientada pela conformidade. Como afirma Winnicott:

“O falso *Self* tem a função de proteger o verdadeiro *Self*, mas faz isso ao custo de sua ocultação. Ele se organiza como uma adaptação às exigências ambientais, de modo que o indivíduo pode parecer adequado, bem ajustado e funcional, enquanto o verdadeiro *Self* permanece isolado, sem possibilidade de expressão.” (WINNICOTT, 1965)

Essa formulação permite compreender que o falso *Self* não deve ser concebido apenas como patológico, mas como uma solução psíquica necessária diante de falhas ambientais. Trata-se de uma organização que possibilita a sobrevivência psíquica, ainda que à custa de uma dissociação entre a experiência interna e a expressão externa do sujeito.

No contexto da metáfora do pinguim, o pertencimento ao bando pode ser compreendido como sustentado, em muitos casos, por essa organização do falso *Self*.



O sujeito se adapta às exigências do grupo, internaliza seus ideais e responde de forma ajustada às expectativas coletivas, garantindo assim pertencimento, reconhecimento e estabilidade.

Entretanto, essa adaptação, quando prolongada e desvinculada da experiência autêntica, produz um esvaziamento progressivo. O sujeito mantém a forma, mas perde o conteúdo; sustenta a função, mas perde o sentido.

O afastamento do bando, nesse contexto, não se configura como um ato voluntário de autonomia, mas como efeito de um colapso dessa estrutura adaptativa. O falso *Self*, ao longo do tempo, torna-se insustentável. Esse colapso pode se manifestar como: 1) sensação de vazio ou irrealidade, 2) perda de sentido nas atividades anteriormente investidas, 3) esgotamento psíquico profundo, 4) dificuldade de manter a adaptação exigida pelo ambiente.

Winnicott enfatiza que, paradoxalmente, esse colapso pode ter um valor positivo do ponto de vista do desenvolvimento psíquico.

“Em alguns casos, o colapso que o paciente teme já ocorreu, mas não pôde ser experimentado no momento em que aconteceu. O trabalho analítico permite que esse colapso seja finalmente vivido e integrado.”
(WINNICOTT, 1974)

Essa ideia é fundamental: o colapso não é apenas um evento destrutivo, mas pode constituir uma oportunidade de contato com aquilo que permaneceu não vivido.

No caso do pinguim que se afasta, esse movimento pode ser compreendido como a expressão desse colapso. A estrutura que sustentava a adaptação ao grupo deixa de funcionar, e o sujeito já não consegue mais responder às demandas externas da mesma forma.

O afastamento, portanto, não é uma escolha no sentido clássico, mas uma impossibilidade de continuar sendo aquilo que nunca foi verdadeiramente próprio.

Esse momento, embora atravessado por angústia e desorganização, pode abrir espaço para a emergência do verdadeiro *Self*. Ao perder a sustentação artificial do falso *Self*, o sujeito é confrontado com a necessidade de construir uma forma de existência mais alinhada à sua experiência interna.



Contudo, essa emergência não é automática nem garantida. Ela depende da presença de condições ambientais, incluindo o setting analítico⁴, que possam oferecer sustentação (*holding*⁵) suficiente para que o sujeito tolere a regressão e a instabilidade implicadas nesse processo.

O pinguim que se afasta, nesse sentido, não apenas rompe com o grupo externo, mas se vê diante da tarefa de sustentar uma existência menos baseada na adaptação e mais próxima da autenticidade. Trata-se de um movimento que implica risco, pois o sujeito perde as referências que organizavam sua posição anterior, mas que também inaugura a possibilidade de uma vida psíquica mais integrada.

Assim, o colapso do falso *Self* não deve ser compreendido apenas como falha ou desorganização, mas como um ponto crítico da experiência subjetiva: o momento em que a adaptação deixa de ser possível e o sujeito é convocado a existir para além da conformidade.

5. Bion: O Esgotamento como Falha na Função Alfa

A contribuição de Wilfred R. Bion oferece uma via privilegiada para compreender o esgotamento psíquico não apenas como fenômeno energético, mas como efeito de uma falha nos processos de transformação das experiências emocionais. Ao introduzir

⁴ **Setting analítico:** conjunto de condições estruturais, técnicas e simbólicas que sustentam o trabalho psicanalítico, incluindo elementos como regularidade das sessões, horário, honorários, posição do analista, regras de associação livre e abstinência. Mais do que um enquadre externo, o setting constitui uma função clínica fundamental, na medida em que oferece estabilidade e previsibilidade ao processo, permitindo a emergência e a sustentação da transferência. Conforme destaca Donald Winnicott, o enquadre pode ser compreendido como um ambiente suficientemente estável que favorece a experiência psíquica e a elaboração emocional. Sua manutenção é essencial para evitar atuações e garantir que os conteúdos transferenciais possam ser trabalhados no campo simbólico (WINNICOTT, 1965; FREUD, 1912).

⁵ **Holding:** conceito desenvolvido por Donald Winnicott para designar a função de sustentação oferecida pelo ambiente ao bebê, especialmente pela mãe ou cuidador primário, que garante continuidade de existência, segurança e integração psíquica. O holding não se limita ao cuidado físico, mas envolve uma sustentação emocional e psíquica que protege o sujeito de experiências de desintegração e angústia impensável. Na clínica psicanalítica, o conceito é retomado para pensar a função do analista e do setting como um ambiente suficientemente estável e confiável, capaz de acolher regressões e permitir a elaboração de experiências primitivas. Trata-se de uma condição fundamental para o desenvolvimento da capacidade de simbolização e para a organização do self (WINNICOTT, 1960).



o conceito de função alfa, Bion desloca o foco da psicanálise para a capacidade do aparelho psíquico de metabolizar aquilo que é vivido.

A função alfa designa o processo pelo qual as experiências sensoriais e emocionais brutas, denominadas por Bion de elementos beta⁶, são transformadas em conteúdos passíveis de pensamento, isto é, em elementos alfa⁷, que podem ser sonhados, lembrados e simbolizados.

Trata-se, portanto, de uma função fundamental para a constituição da vida psíquica, pois sem essa transformação, a experiência não pode ser pensada, apenas evacuada. Como afirma Bion:

“Os elementos beta são impressões sensoriais e experiências emocionais que não foram transformadas pela função alfa. Quando essa função está ausente ou comprometida, tais elementos não podem ser pensados, mas apenas evacuados. Nesse estado, o indivíduo não pensa suas experiências, ele as sofre ou as descarrega.” (BION, 1962)

Essa formulação permite compreender que o esgotamento não se reduz a uma sobrecarga quantitativa de estímulos, mas está diretamente relacionado à incapacidade de transformação psíquica da experiência.

Quando a função alfa falha, seja por fatores estruturais, seja por condições ambientais que não oferecem continência suficiente, o sujeito passa a ser invadido por

⁶ **Elementos beta:** conceito formulado por Wilfred Bion para designar conteúdos psíquicos brutos, não simbolizados e não passíveis de pensamento, derivados de experiências emocionais primitivas que não puderam ser metabolizadas pelo aparelho psíquico. Esses elementos não são organizados em representações ou pensamentos, sendo vividos como sensações corporais ou estados emocionais difusos e frequentemente evacuados por meio de mecanismos como a identificação projetiva. A transformação dos elementos beta em elementos alfa, passíveis de serem sonhados, pensados e simbolizados, depende da função alfa, inicialmente exercida pela figura cuidadora e, na clínica, pelo analista. A presença predominante de elementos beta está associada a dificuldades na capacidade de pensar, simbolizar e elaborar experiências emocionais (BION, 1962/1991).

⁷ **Elementos alfa:** conceito desenvolvido por Wilfred Bion para designar os conteúdos psíquicos que resultam da transformação de experiências emocionais brutas (elementos beta) em material passível de simbolização e pensamento. Essa transformação é realizada pela função alfa, que permite ao sujeito organizar impressões sensoriais e afetivas em imagens, representações e pensamentos, tornando possível sonhar, lembrar e refletir sobre a experiência. Os elementos alfa constituem, portanto, a base da atividade psíquica consciente e inconsciente organizada, sendo fundamentais para a capacidade de elaborar conflitos, regular emoções e estabelecer ligações simbólicas. Na clínica, a função alfa é inicialmente exercida pelo analista, que, ao metabolizar os conteúdos não simbolizados do paciente, favorece o desenvolvimento da capacidade de pensar (BION, 1962).



conteúdos emocionais que não encontram vias de elaboração. Esses conteúdos permanecem como elementos brutos, não simbolizados, que se acumulam e saturam o aparelho psíquico.

Nesse contexto, o sofrimento não é apenas vivido como angústia nomeável, mas frequentemente como: 1) tensão difusa e não localizada, 2) sensação de invasão psíquica, 3) dificuldade de pensar e elaborar, 4) esvaziamento ou colapso mental.

O sujeito não consegue transformar a experiência em pensamento, e, por isso, não consegue se apropriar dela.

A metáfora do pinguim que se afasta do bando pode ser compreendida, à luz de Bion, como uma tentativa de interromper esse circuito saturado. O grupo, que anteriormente funcionava como elemento organizador, pode passar a operar como fonte de intensificação das exigências emocionais, excedendo a capacidade de metabolização do sujeito.

O afastamento surge, então, não como escolha deliberada, mas como uma resposta limite do aparelho psíquico diante de um excesso que não pode ser transformado.

Nesse sentido, o movimento de ruptura pode ser interpretado como: 1) tentativa de reduzir a carga emocional, 2) busca por interrupção da sobrecarga psíquica, 3) defesa frente à impossibilidade de simbolização.

O esgotamento, portanto, não deve ser compreendido apenas como fadiga ou cansaço, mas como efeito de um acúmulo de experiências que não puderam ser metabolizadas. Trata-se de um excesso que não encontrou continente.

Bion também introduz a noção de função continente⁸ (*container-contained*), destacando que a capacidade de pensar não é inata, mas se constitui na relação com

⁸ **Função continente:** conceito desenvolvido por Wilfred Bion para designar a capacidade do analista (ou da figura cuidadora primária) de receber, conter e transformar estados emocionais brutos e não simbolizados do sujeito. Esses conteúdos, denominados elementos beta, não podem ser inicialmente pensados ou representados, sendo evacuados no outro por meio de mecanismos como a identificação projetiva. A função continente, articulada à função alfa, consiste em metabolizar essas experiências, convertendo-as em elementos alfa, passíveis de simbolização, pensamento e elaboração. Na clínica, essa função implica a capacidade do analista de sustentar a intensidade afetiva sem reagir defensivamente, oferecendo ao paciente a possibilidade de reintegrar, sob forma pensável, aquilo que antes era vivido como experiência impensável (BION, 1962).



o outro, especialmente nas primeiras experiências de cuidado. Quando o ambiente falha em oferecer essa função continente, o sujeito não desenvolve plenamente sua capacidade de transformar experiências emocionais.

“A função da mãe é receber as projeções do bebê, transformá-las e devolvê-las em forma tolerável. Quando isso não ocorre, o bebê permanece com experiências que não podem ser pensadas.”
(BION, 1962)

Essa perspectiva permite articular o esgotamento contemporâneo a falhas não apenas individuais, mas também ambientais e culturais. Em contextos marcados por exigências constantes, aceleração e ausência de espaços de elaboração, o sujeito pode se ver privado de condições que sustentem a função alfa.

O afastamento do bando, nesse cenário, pode ser compreendido como uma tentativa, ainda que precária, de restabelecer alguma forma de contenção. Ao se retirar do campo que intensifica a sobrecarga, o sujeito busca, ainda que de forma não consciente, criar condições mínimas para a reorganização psíquica.

No entanto, essa retirada não garante, por si só, a transformação da experiência. Sem a presença de um espaço continente, como o setting analítico, o risco é que o sujeito permaneça em estado de saturação, ainda que afastado das fontes imediatas de exigência.

Assim, o movimento do pinguim não representa apenas um afastamento comportamental, mas a expressão de um limite estrutural: o ponto em que o aparelho psíquico já não consegue mais metabolizar o que lhe é imposto.

Trata-se de um momento crítico em que o sujeito deixa de conseguir pensar suas experiências e passa apenas a suportá-las ou evacuá-las.

Paradoxalmente, é nesse ponto de falha que se abre a possibilidade de intervenção clínica. O trabalho analítico pode oferecer a função continente necessária para que aquilo que era vivido como excesso não simbolizado possa, progressivamente, ser transformado em pensamento.

Assim, o esgotamento, quando compreendido à luz de Bion, deixa de ser apenas um colapso e passa a ser também um sinal de que a capacidade de pensar foi excedida, exigindo a construção de novas condições de elaboração psíquica.



6. Jung: Individuação e o Chamado do *Self*

A Psicologia Analítica, fundada por Carl Gustav Jung, amplia significativamente a compreensão do sujeito ao introduzir a noção de Inconsciente Coletivo⁹ e ao propor o conceito de Individuação¹⁰ como eixo central do desenvolvimento psíquico.

Diferentemente de uma concepção centrada exclusivamente nas relações objetais e nas determinações do Outro, Jung propõe que o sujeito é atravessado por uma dimensão arquetípica que orienta, de forma não consciente, seu processo de realização.

A individuação designa, nesse contexto, o movimento pelo qual o sujeito se diferencia das identificações coletivas e se aproxima de uma organização psíquica mais integrada, orientada pelo *Self*, instância que representa a totalidade psíquica, incluindo tanto aspectos conscientes quanto inconscientes. Como afirma Jung:

“Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável” (JUNG, 1951), sendo esse processo compreendido como realização do si mesmo e implicando um afastamento das normas coletivas e uma confrontação com conteúdos inconscientes.

Essa formulação permite compreender que a individuação não é um processo de adaptação ao meio, mas, ao contrário, um movimento que frequentemente implica

⁹ **Inconsciente coletivo:** conceito desenvolvido por Carl Gustav Jung para designar uma camada profunda da psique que não se origina da experiência individual, mas é herdada e compartilhada universalmente pela humanidade. Diferentemente do inconsciente pessoal, constituído por conteúdos recalçados ou esquecidos ao longo da história de vida do sujeito, o inconsciente coletivo é composto por estruturas arquetípicas, formas primordiais de representação que organizam a experiência psíquica e se manifestam em mitos, símbolos, sonhos e produções culturais. Esses arquétipos não possuem conteúdo fixo, mas funcionam como matrizes que orientam a percepção, o comportamento e a elaboração simbólica. Na clínica, o conceito permite compreender a emergência de conteúdos que ultrapassam a história individual, revelando dimensões universais da experiência humana e contribuindo para o processo de individuação (JUNG, 1968).

¹⁰ **Individuação:** conceito central da psicologia analítica desenvolvido por Carl Gustav Jung, que designa o processo de desenvolvimento psíquico pelo qual o sujeito se torna aquilo que é em sua singularidade, integrando conteúdos conscientes e inconscientes. Trata-se de um movimento progressivo de diferenciação do ego em relação às identificações coletivas e às imagens parentais, ao mesmo tempo em que implica a integração de aspectos inconscientes, como a sombra, as imagens arquetípicas e outras dimensões da psique. A individuação não corresponde à adaptação social nem à realização de um ideal normativo, mas à realização do *Self* enquanto totalidade psíquica. Na clínica, esse processo se expressa pela ampliação da consciência, pela capacidade de sustentar a ambivalência e pela integração de conteúdo anteriormente dissociados (JUNG, 1968).



tensão com as normas coletivas. Enquanto o pertencimento ao grupo oferece estabilidade, reconhecimento e orientação, o processo de individuação convoca o sujeito a se desidentificar, ao menos parcialmente, dessas referências.

Nesse sentido, o sujeito não é apenas determinado pelo Outro, mas também convocado por uma dimensão interna que não se reduz às identificações sociais.

A metáfora do pinguim que se afasta do bando pode ser compreendida, à luz de Jung, como a expressão desse chamado. O afastamento não representa necessariamente uma escolha consciente ou deliberada, mas pode ser interpretado como resposta a uma exigência psíquica mais profunda, que orienta o sujeito em direção à sua singularidade.

Trata-se de um movimento em que o sujeito deixa de se organizar exclusivamente a partir do coletivo e passa a se confrontar com conteúdo internos que exigem reconhecimento e integração.

Entretanto, esse caminho está longe de ser linear ou harmonioso.

O processo de individuação implica o confronto com a sombra¹¹, conceito central na teoria junguiana. A sombra refere-se aos aspectos da personalidade que foram rejeitados, reprimidos ou não desenvolvidos, muitas vezes em função das exigências de adaptação ao meio social.

Ao se afastar do grupo, o sujeito perde, em certa medida, as referências que sustentavam sua identidade adaptada, o que pode levar à emergência desses conteúdos sombrios.

Esse confronto pode se manifestar como: 1) angústia frente ao desconhecido interno, 2) sensação de desorientação ou perda de identidade, 3) contato com impulsos,

¹¹ **Sombra:** conceito central da psicologia analítica desenvolvido por Carl Gustav Jung, que designa o conjunto de aspectos da personalidade que o sujeito não reconhece como próprios ou que foram reprimidos por serem incompatíveis com a imagem consciente de si. A sombra inclui conteúdos considerados negativos, como impulsos agressivos, desejos inaceitáveis e traços socialmente desaprovados, mas também pode abarcar potencialidades não desenvolvidas. Sua manifestação ocorre frequentemente por meio de projeções, nas quais o sujeito atribui ao outro aquilo que não consegue integrar em si mesmo. O processo de individuação implica o reconhecimento e a integração progressiva da sombra, favorecendo uma maior totalidade psíquica e ampliação da consciência (JUNG, 1951; JUNG, 1953).



afetos ou desejos anteriormente negados, 4) ruptura com ideais que organizavam a vida psíquica.

A individuação exige, portanto, uma capacidade de sustentar a tensão entre opostos, integrando aspectos contraditórios da personalidade sem recorrer à cisão ou à negação.

Além da sombra, o sujeito também se depara com o inconsciente em sua dimensão mais ampla, incluindo conteúdos simbólicos e arquetípicos que não se enquadram facilmente na lógica racional.

Esse processo pode ser vivido como desestabilizador, pois implica a dissolução parcial de identidades previamente consolidadas.

O afastamento do bando, nesse contexto, não deve ser romantizado como conquista imediata de autenticidade. Ele representa, antes, uma travessia psíquica que envolve perda de referências, confronto com o desconhecido e necessidade de reconstrução interna.

O pinguim que se afasta encarna, portanto, o sujeito em processo de individuação: aquele que, ao não conseguir mais sustentar plenamente as identificações coletivas, é convocado a confrontar sua própria singularidade.

Esse movimento implica: 1) afastamento das normas coletivas, 2) confronto com a sombra, 3) integração de conteúdos inconscientes, 4) reorganização da identidade psíquica.

Contudo, é importante destacar que a individuação não conduz a um isolamento absoluto. Ao contrário, ela permite uma nova forma de relação com o coletivo, menos baseada na conformidade e mais na autenticidade.

O sujeito que se individua não abandona o laço social, mas passa a habitá-lo de forma distinta, sustentando uma posição que não está totalmente subordinada às expectativas externas.

Assim, o movimento do pinguim não representa apenas uma ruptura, mas um processo de transformação: a passagem de uma identidade baseada na adaptação coletiva para uma organização psíquica mais integrada, orientada pelo *Self*.



Trata-se de um caminho exigente, atravessado por sofrimento, incerteza e confronto interno, mas que, ao mesmo tempo, inaugura a possibilidade de uma existência mais alinhada à singularidade do sujeito.

7. Discussão: Entre o Esgotamento e a Emergência do Sujeito

A articulação entre as diferentes escolas psicanalíticas e a psicologia analítica permite compreender o movimento de ruptura, figurado pela imagem do pinguim que se descola do bando, como um fenômeno de elevada complexidade, que não pode ser reduzido a uma única chave interpretativa. Trata-se de um ponto de condensação em que múltiplas dimensões do funcionamento psíquico entram em jogo simultaneamente.

Esse movimento não se esgota em uma leitura linear ou causal. Ao contrário, ele deve ser compreendido como um momento de inflexão em que diferentes processos se sobrepõem, revelando a instabilidade das formações que sustentavam o sujeito.

Nesse sentido, o afastamento pode ser concebido, simultaneamente, como: 1) **colapso**, na medida em que as identificações que sustentavam o sujeito deixam de operar como suporte estável (Freud; Winnicott), 2) **falha de simbolização**, quando o aparelho psíquico já não consegue metabolizar a experiência emocional, produzindo saturação e esgotamento (Bion), 3) **ruptura da alienação**, ao evidenciar a inconsistência do Outro e a impossibilidade de sustentação plena da posição anteriormente ocupada (Lacan), 4) **reorganização psíquica**, implicando a passagem por estados de maior ambivalência, perda e integração (Klein), 5) **chamado à individuação**, ao convocar o sujeito a se diferenciar das identificações coletivas e confrontar sua singularidade (Jung).

A convergência dessas leituras evidencia que o afastamento do bando não é um fenômeno superficial ou meramente comportamental, mas uma operação que atinge o núcleo da constituição subjetiva.

Do ponto de vista clínico, é fundamental evitar uma romantização desse movimento. A ruptura não equivale a liberdade plena, autenticidade imediata ou realização subjetiva. Ao contrário, ela expõe o sujeito a uma série de experiências potencialmente desorganizadoras.



O afastamento implica: 1) **desamparo estrutural**, ao retirar o sujeito das referências que organizavam sua posição no laço social, 2) **angústia**, decorrente da perda das garantias simbólicas e da confrontação com a falta, 3) **incerteza**, diante da ausência de coordenadas claras que orientem a ação e o desejo.

Esse momento pode ser vivido como queda, vazio ou perda de sentido, sobretudo quando o sujeito estava fortemente investido nas identificações que agora se mostram insustentáveis.

Entretanto, é precisamente nesse ponto de fragilidade que se abre uma possibilidade clínica e teórica fundamental.

A ruptura pode representar um ponto de inflexão, no qual aquilo que sustentava o sujeito, ainda que de forma alienada, deixa de operar, criando uma fissura na economia psíquica. Essa fissura, embora inicialmente desorganizadora, pode permitir a emergência de novas formas de relação com o desejo, com o Outro e consigo mesmo.

É importante destacar que esse movimento não se inscreve, na maioria das vezes, no campo da escolha consciente. A ideia de que o sujeito “decide” se afastar pode obscurecer a dimensão estrutural do processo.

Frequentemente, o afastamento ocorre porque a permanência se torna impossível.

O sujeito não se retira porque deseja romper, mas porque já não consegue sustentar: 1) a posição que ocupava, 2) as identificações que o organizavam, 3) as exigências que lhe eram dirigidas.

Trata-se, portanto, de um limite.

Um ponto em que a continuidade da adaptação implicaria um custo psíquico ainda maior, podendo levar a formas mais graves de colapso.

Nesse sentido, o movimento do pinguim pode ser compreendido como expressão de uma impossibilidade estrutural: a impossibilidade de continuar sendo aquilo que não se sustenta mais.

Paradoxalmente, é essa impossibilidade que pode abrir espaço para algo novo.

A falência das formações anteriores, embora vivida como perda, cria condições para que o sujeito, progressivamente, possa construir uma posição menos determinada



pela alienação, mais atravessada pela própria experiência e, eventualmente, mais próxima de seu desejo.

Contudo, essa possibilidade não se realiza automaticamente. Ela depende de um trabalho psíquico que permita: 1) simbolizar a ruptura, 2) elaborar a perda, 3) sustentar a angústia sem recair em soluções defensivas imediatas, 4) construir novas formas de inscrição no laço social.

É nesse ponto que a clínica psicanalítica se torna fundamental, oferecendo um espaço onde o colapso pode ser elaborado e transformado.

Assim, o afastamento do bando não deve ser compreendido nem como fracasso, nem como conquista, mas como um momento crítico da experiência subjetiva: um ponto em que o sujeito é confrontado com o limite de suas formas anteriores de organização e convocado, ainda que de maneira incerta e não garantida, a reinventar sua relação com o Outro, com o mundo e consigo mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metáfora do pinguim que se descola do bando mostrou-se, ao longo deste percurso teórico, uma via privilegiada para apreender um momento decisivo da experiência subjetiva: aquele em que a sustentação oferecida pelo coletivo, pelas identificações e pelo campo do Outro deixa de operar como suporte suficiente.

Esse movimento, longe de se restringir ao plano comportamental, revela-se estrutural. Ele incide diretamente sobre os fundamentos da constituição psíquica, expondo o sujeito ao limite das formações que até então organizavam sua existência.

A análise articulada entre diferentes escolas psicanalíticas e a psicologia analítica permitiu evidenciar que esse ponto de ruptura não pode ser compreendido de maneira unívoca. Trata-se de um fenômeno multifacetado, que envolve simultaneamente: 1) o colapso das identificações e dos ideais que sustentavam o sujeito (Freud; Winnicott), 2) a falha na capacidade de simbolização e metabolização da experiência emocional (Bion), 3) a fissura na lógica da alienação ao Outro e a emergência da falta como operador estrutural (Lacan), 4) a necessidade de reorganização interna diante da ambivalência e da perda (Klein), 5) o chamado à diferenciação psíquica e à realização do *Self* (Jung).



Essa convergência teórica aponta para um aspecto fundamental: a constituição do sujeito não se realiza apenas pela inserção no laço social, mas também pela travessia de momentos em que esse laço se torna insuficiente.

O limite da alienação, nesse sentido, não é apenas um ponto de falha, mas também um ponto de revelação. Ele evidencia que a sustentação do sujeito não pode ser inteiramente garantida pelo Outro, colocando em cena a dimensão da falta e da incompletude que atravessa tanto o sujeito quanto o campo simbólico.

Entretanto, essa ruptura não se apresenta como solução imediata ou como conquista estabilizada. Ao contrário, ela expõe o sujeito ao desamparo estrutural, à angústia e à perda de referências que até então organizavam sua experiência.

Esse momento pode ser vivido como: 1) queda das garantias simbólicas, 2) dissolução de identidades previamente consolidadas, 3) experiência de vazio ou perda de sentido, 4) intensificação da angústia.

Contudo, é precisamente nesse ponto de desestabilização que se abre uma possibilidade fundamental.

Ao revelar a inconsistência do Outro e a insuficiência das identificações, a ruptura cria uma fissura na economia psíquica que pode permitir a emergência de algo que não se reduz ao já dado. Trata-se de uma abertura, frágil, instável e não garantida, para a constituição de uma posição subjetiva menos alienada.

A psicanálise, em suas diferentes vertentes, converge ao indicar que o desejo não se constitui plenamente sob a lógica da adaptação e da conformidade. Ele emerge, antes, nos pontos em que essa lógica falha.

Nesse sentido, o afastamento do bando pode ser compreendido como um momento em que o sujeito, ao não conseguir mais sustentar o lugar que ocupava, se vê confrontado com a necessidade de inventar novas formas de relação com o Outro, com o mundo e consigo mesmo.

A psicologia analítica acrescenta que esse movimento pode também ser lido como parte do processo de individuação, no qual o sujeito é convocado a se diferenciar das identificações coletivas e a integrar aspectos de sua psique até então não reconhecidos.



Entretanto, é fundamental sublinhar que essa possibilidade não se realiza de maneira automática. A ruptura, por si só, não garante a emergência do desejo ou a constituição de uma posição subjetiva mais integrada. Ela apenas inaugura um campo de indeterminação que exige trabalho psíquico. É nesse ponto que a clínica se torna decisiva.

O espaço analítico pode oferecer as condições necessárias para que o sujeito: 1) simbolize a ruptura, 2) elabore a perda das identificações, 3) sustente a angústia sem recorrer a defesas precipitadas, 4) construa novas formas de inscrição no laço social.

Assim, o movimento do pinguim não deve ser compreendido nem como fracasso, nem como ideal de autonomia, mas como expressão de um momento estrutural da experiência humana: o ponto em que a alienação se mostra insuficiente e o sujeito é confrontado com a tarefa, sempre inacabada, de se constituir.

Se, por um lado, esse momento expõe o sujeito ao desamparo, por outro, ele abre a possibilidade de que algo do próprio, até então encoberto pelas exigências do Outro e pelas identificações coletivas, possa, finalmente, começar a se inscrever.

Trata-se, portanto, de um paradoxo constitutivo: é no limite, no esgotamento e na falha que pode emergir, ainda que de forma incerta, a possibilidade de uma existência mais singular.



REFERÊNCIAS

- BION, Wilfred R.** *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- FREUD, Sigmund.** *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). In: *Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- JUNG, Carl Gustav.** *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KLEIN, Melanie.** *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LACAN, Jacques.** *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- WINNICOTT, Donald W.** *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1990.

SOBRE O AUTOR:

Esp. Andreia Daluia é Psicanalista Clínica e Infantil. Especialista em Análise e Interpretação do Desenho – Testes Projetivos e Sandplay Thérapy – Psicologia Analítica. Supervisora em Análise e Interpretação do Desenho. Bacharelada em Terapia Integrativas e complementares. Docente e coordenadora de estágios da Escola Brasileira de Psicanálise Freudiana e Co-autora do livro: Análise e Interpretação dos desenhos: utilização dos testes projetivos nas clínicas psicopedagógica e psicanalítica pela WAK.

ENDEREÇO POR CORRESPONDÊNCIA:

Rua: Rio Potengi, 510 – Orestes Hungaro – Hortolândia-SP
Cep: 13.183-713
E-mail: andreiadaluia70@gmail.com